

Enid Blyton

Os **CINCO**

SALVAM O TIO

OFICINA
DO LIVRO

NOTA DA NETA DE ENID BLYTON

Bem-vindos à nova coleção de Os Cinco, de Enid Blyton. São 21 livros e todo um mundo de mistérios e aventuras para explorar. A minha avó, a Enid Blyton, escreveu o primeiro livro de Os Cinco (*Os Cinco na Ilha do Tesouro*) em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial (1939-45). Nessa aventura, o Júlio, o David e a Ana conhecem a prima Maria José e o cão dela, o *Tim*. Rapidamente percebem que é melhor *nunca* a tratarem por Maria José! Juntos vão explorar túneis e grutas, descobrir passagens secretas e resolver crimes.

Conheci Os Cinco numa edição em áudio de *Os Cinco e a Ilha dos Murmúrios*. O Júlio, o David, a Zé e o *Tim* tinham descoberto que gostavam de salsichas, e parecia que não conseguiam parar de as comer. Mas as salsichas ficam para depois, quando uma senhora bate à porta do Casal Kirrin e lhes pede para irem fazer companhia ao neto numa quinta remota, enquanto ela vai fazer uma viagem. A aventura começa mal veem a Ilha dos Murmúrios, quando se dirigem de bicicleta à quinta para conhecerem o Alfredo.

O *Tim* foi sempre a minha personagem preferida. Consegue julgar as pessoas sem se enganar, e, quando ele está por perto, as crianças sentem-se sempre em segurança. E não fiquem a pensar que eu tenho medo de uma boa aventura! Desde que vi a série na televisão nos anos 70, em que o *Tim* é um *border collie*, que quero ter um cão igual!

E tu... qual é que achas que vai ser a tua personagem preferida?

Sophie Smallwood, 14 de junho de 2010

ÍNDICE

1. Uma carta para a Zé	11
2. De volta ao Casal Kirrin	21
3. A caminho da ilha de Kirrin	31
4. Onde está o tio Alberto?	41
5. Um mistério	51
6. Na falésia	61
7. Uma pequena discussão	71
8. Na pedreira	81
9. A Zé faz uma descoberta... e fica furiosa	91
10. Um sinal surpreendente	101
11. A Zé toma uma decisão difícil	111
12. Outra vez o velho mapa	121
13. Uma tarde com o Martin	131
14. Um choque para a Zé	141
15. A meio da noite	151
16. Lá em baixo, nas grutas	159
17. Finalmente, o <i>Tim</i>	167
18. Quatro e meia da manhã	177
19. Encontro com o Martin	185
20. Muita emoção	195
21. O fim da aventura	205

1. UMA CARTA PARA A ZÉ

A Ana estava a tentar fazer os trabalhos de casa num cantinho da sala de convívio, quando a prima Zé entrou disparada. A Zé não era um rapaz, obviamente —, na realidade, chamava-se Maria José, mas como sempre detestara ser rapariga, insistia em que a tratassem por Zé, e toda a gente o fazia. Com o cabelo encaracolado muito curto e os intensos olhos azuis a cintilar de raiva, dirigiu-se à Ana.

— Ana! Acabei de receber uma carta de casa... e não vais acreditar! O meu pai quer ir viver para a ilha, para fazer um trabalho especial... ou lá o que é! Ainda por cima, diz que tem de construir uma espécie de torre no pátio do castelo!

As outras raparigas olharam para elas, divertidas, e a Ana pegou na carta que a prima lhe estendia. Toda a gente no colégio interno sabia que a Zé era dona de uma pequena ilha na baía de Kirrin — a ilha de Kirrin era mínima, mas tinha um castelo em ruínas no centro, que

albergava coelhos, gaivotas e gralhas. Também havia umas masmorras, nas quais a Zé e os primos já tinham vivido uma ou duas aventuras espetaculares. Outrora pertencera à mãe da Zé, mas ela dera-a à filha, que levava muito a sério tudo o que estivesse relacionado com a sua pequena ilha! Era *dela*, ponto final. Ninguém mais podia viver lá, ou sequer desembarcar, sem a sua autorização. E agora o pai propunha-se a ir para a ilha e construir uma espécie de laboratório mesmo lá no meio! A Zé estava rubra de raiva.

— É tão típico dos adultos: primeiro oferecem-te uma coisa, e depois comportam-se como se nunca tivesse deixado de ser deles! Não *quero* o pai a viver na minha ilha, nem a construir coisas horrorosas de qualquer espécie por lá!

— Oh, Zé... — disse a prima, pegando na carta. — O teu pai é um cientista famoso, precisa de paz para trabalhar. Com certeza que lhe podes emprestar a ilha por uns tempos, não?

— O que não falta são outros sítios onde ele pode trabalhar em paz. Estava a pensar que podíamos ir lá passar uns dias nas férias da Páscoa: levávamos o barco, cheio de comida e assim, como fizemos das outras vezes. E agora, se o meu pai lá estiver, já não pode ser, não é?

A Ana leu a carta. Era da mãe da Zé.

Querida Zé,

Acho melhor dizer-te já que o teu pai está a planear mudar-se para a ilha de Kirrin durante uns tempos, para acabar umas experiências muito importantes em que tem

estado a trabalhar. Vai ter de mandar construir um edifício qualquer — uma espécie de torre, acho eu. Aparentemente, precisa de um sítio onde possa estar absolutamente em paz e isolado, e, por algum motivo, completamente rodeado por água. Isto da água tem que ver com a tal experiência.

Peço-te, por favor, que não te zangues. Eu sei que sentes que a ilha é tua e só tua, mas deves partilhá-la com a tua família, sobretudo quando o que está em causa é algo tão importante como o trabalho científico do teu pai. Ele acha que tu até vais ficar muito contente por lhe emprestares a ilha. Mas eu conheço-te bem, por isso achei que mais valia escrever-te imediatamente, para te avisar, antes que chegasses a casa e desses com ele completamente instalado por lá, ainda por cima com a torre.

A carta prosseguia, sobre outros assuntos, mas a Ana não se deu ao trabalho de continuar a ler. Olhou para a prima.

— Oh, Zé! Não vejo mesmo porque é que emprestar a ilha ao teu pai por uns tempos te incomoda tanto! Eu cá não me importava *nada* se o meu pai me pedisse uma ilha emprestada... Isto se tivesse a sorte de ter uma!

— O *teu* pai teria a gentileza de falar contigo antes, para te pedir autorização e saber se te importavas ou não! — retorquiu a Zé, num tom amuado. — Mas o meu pai nunca se lembra dessas coisas. Faz tudo o que lhe apetece, sem perguntar nada a ninguém. Acho que devia ter sido ele a escrever-me. Tira-me do sério!

— Não é preciso muito para te tirar do sério, Zé! — comentou a Ana, a rir-se. — E escusas de olhar para mim dessa maneira! Eu jamais utilizaria a ilha sem te pedir autorização mil vezes, está descansada!

Mas a Zé não devolveu o sorriso. Pegou na carta e tornou a lê-la, com cara de poucos amigos.

— Pensar que todos os meus maravilhosos planos para as férias foram por água abaixo! Sabes bem como a ilha é linda na primavera, cheia de flores e tojo e coelhos bebés! Mais ainda: tu, o Júlio e o David vão lá passar as férias, e já não estamos juntos desde que viajámos nas caravanas, no verão passado.

— Eu sei. E é mesmo uma pena! — respondeu a Ana. — Seria maravilhoso irmos passar uns dias à ilha. Mas talvez o teu pai não se importe se formos à mesma... podemos perfeitamente não o incomodar.

— Como se estar na ilha com o meu pai fosse a mesma coisa que estarmos lá sozinhos! — retorqui, desdenhosamente, a prima. — Sabes bem que ia ser horrível!

Pois sabia... nunca passou pela cabeça da Ana que a ilha fosse divertida com o pai da Zé a viver lá. O tio Alberto era muito impaciente e tinha pavio curto, sobretudo quando estava no meio de uma das suas experiências; nessas alturas, tornava-se pura e simplesmente insuperável. Perdia a cabeça ao mínimo ruído.

— Oh, céus! Vai fartar-se de gritar com as gralhas, a dizer-lhes para estarem caladas, e com as desgraçadas das

gaivotas! — comentou, com uma gargalhada. — A ilha de Kirrin não é tão calma como ele imagina!

A Zé esboçou, finalmente, um sorriso. Dobrou a carta e virou costas.

— Acho que é mau — disse. — Não me sentiria tão mal se ao menos ele me tivesse pedido autorização.

— Sabes bem que jamais faria tal coisa! Nem lhe passa pela cabeça, Zé, por isso não passes o resto do dia a espumar. Vai ter com o *Tim* ao canil, vais ver que ficas logo mais animada.

O *Tim* era o cão da Zé, que ela amava do fundo do coração. Era um rafeiro castanho, enorme e peludo, com uma cauda ridiculamente longa e uma boca imensa, que parecia mesmo sorrir. Os quatro primos adoravam-no — era tão simpático e carinhoso, alegre e engraçado, e já tinha partilhado tantas aventuras com eles! Os Cinco divertiam-se sempre imenso quando estavam juntos.

A Zé foi buscá-lo. A escola permitia que as raparigas levassem animais de estimação — se assim não fosse, a Zé jamais teria aceitado ir para um colégio interno. Não suportava a ideia de estar separada do cão, nem que fosse apenas por um dia. Mal ela se aproximou, o *Tim* desatou a ladrar, muito excitado. A Zé recuperou o bom humor e sorriu... Querido e fiel *Tim*! Era melhor do que qualquer pessoa! Ficava sempre do lado dela, nunca lhe negava apoio, fizesse ela o que fizesse; e, para o *Tim*, a Zé era, de longe, a pessoa mais maravilhosa do mundo. Foram logo dar um passeio pelos campos, e a Zé falou

com ele, como fazia sempre; contou-lhe que o pai ia para a ilha, e o *Tim* concordou plenamente, escutando-a como se estivesse a perceber tudo. Nem quando um coelho se atravessou no caminho, ele saiu de junto da dona — o *Tim* sabia sempre quando é que a Zé estava triste. Foi-lhe dando umas lambidelas na mão, sempre que a apanhava a jeito, e, quando regressou à escola, a Zé sentia-se francamente melhor. Levou o *Tim* consigo para dentro, fazendo-o passar, às escondidas, por uma porta secundária. Não eram permitidos cães no interior do edifício, mas a Zé, tal como o pai, fazia muitas vezes apenas o que lhe apetecia. Levou-o à pressa para o dormitório, onde o cão se escondeu debaixo da cama dela, deitando-se, muito sossegado. Bateu com a cauda no chão, sem fazer barulho — sabia muito bem o que tudo aquilo significava: a Zé queria o conforto da sua presença nessa noite! Quando as luzes se apagassem, saltaria para cima da cama e aninhar-se-ia nos joelhos da dona. Os olhos verdes do canzarão brilhavam de alegria.

— Agora, quietinho, *Tim* — disse a Zé, saindo do dormitório para ir ter com as outras raparigas.

Encontrou a Ana, muito atarefada a escrever uma carta aos irmãos Júlio e David, que estudavam num outro colégio interno.

— Já lhes disse da ilha de Kirrin. Gostavas de vir passar uns dias a nossa casa nas férias, Zé? Em vez de sermos nós a ir para Kirrin? Assim já não passavas o tempo todo furiosa, por o teu pai estar na tua ilha.

— Não, obrigada — respondeu a prima. — Vou para casa. Quero manter o pai debaixo de olho. Não quero que mande a ilha de Kirrin pelos ares com uma das suas experiências! Sabes que agora anda a trabalhar com explosivos, não sabes?

— Oh! — exclamou a Ana. — Bombas atómicas e essas coisas?

— Não sei. De qualquer modo, para além de vigiar o que o meu pai anda a fazer, também quero fazer companhia à minha mãe no Casal Kirrin. Vai ficar completamente sozinha, quando o pai for para a ilha. Suponho que ele leve comida e tudo o que precisa, para não ter de vir a terra.

— Bem, pelo menos não vamos ter de andar em bicos de pés, se o teu pai não estiver no Casal Kirrin — disse a Ana. — Podemos fazer o barulho que nos apetecer! Por favor, anima-te lá, Zé!

Mas a Zé levou muito tempo a ultrapassar a tristeza causada pela carta da mãe. Nem o facto de ter o *Tim* na cama todas as noites (até ser descoberto por uma professora furiosa) a conseguiu fazer compensar a desilusão.

O período aproximava-se rapidamente do fim. Com a chegada de abril, cheio de sol e flores, as férias estavam cada vez mais perto! A Ana pensou, cheia de alegria, em Kirrin, com as suas maravilhosas praias de areia, mar azul, barcos de pesca e a falésia onde se davam passeios de sonho. O Júlio e o David também ansiavam pelas férias. Desta vez, as aulas deles acabavam no mesmo dia que as

das raparigas, por isso podiam encontrar-se em Londres e seguir juntos para Kirrin.

E esse dia chegou, por fim. As malas foram empilhadas no átrio, e vieram carros para levar as crianças que não viviam muito longe. As restantes foram para a estação de comboio, a bordo dos autocarros da escola. O barulho era ensurdecedor, com raparigas a gritar a plenos pulmões por toda a parte. Nem as professoras conseguiam fazer-se ouvir no meio de tamanha balbúrdia.

— Até parece que as miúdas perderam completamente o juízo — comentou uma delas com uma colega. — Oh, graças a Deus... já estão a entrar nos autocarros! Zé! *Tens* mesmo de largar pelo corredor a cem à hora, com o *Tim* a ladrar como se estivesse possuído?

— Sim, tenho, sim! — gritou a Zé. — Ana, onde é que te enfiaste? Despacha-te e entra no autocarro! Já tenho o *Tim*, e ele já percebeu que vamos de férias! Anda, *Tim*!

O bando de raparigas entusiasmadas lá seguiu para a estação, entrando, aos magotes, no comboio.

— Este lugar é meu!

— Onde é que está a minha mala?

— Sai daqui, Hetty, sabes bem que o teu cão não pode ficar ao pé do meu, iam pegar-se a viagem toda!

— O guarda já apitou. Até que enfim!

— Aqui vamos nós!

A locomotiva arrancou lentamente e saiu da estação, com a longa fila de carruagens atrás, cheias de raparigas prestes a entrar de férias. Seguiu pela calmaria dos

campos e atravessou vilas e cidades, até chegar aos subúrbios enevoados de Londres.

— Os rapazes devem chegar dois minutos antes de nós — disse a Ana, espreitando pela janela, quando o comboio se aproximou, lentamente, da estação de Londres. — Se chegaram a horas, talvez já estejam na plataforma, à nossa espera. Oh, olha para ali, Zé! Lá estão eles!

A Zé também se dependurou na janela.

— Olá, Júlio! — gritou. — Estamos aqui! — Olá, David! Olá, Júlio!